

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**THAÍS SARTORI ROMERO**

**OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM  
SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO NO NOROESTE DO PARANÁ**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

**2014**

THAÍS SARTORI ROMERO



**OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM  
SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO NO NOROESTE DO PARANÁ**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo UAB do Município de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Esp. João Enzio Gomes Obana

MEDIANEIRA

2014



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os Processo de Ensino e Aprendizagem do Aluno com Síndrome de Down: Um estudo no Noroeste do Paraná

Por

**Thaís Sartori Romero**

Esta monografia foi apresentada às 20h50m do dia 26 **de março de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Professor João Enzio Gomes Obana  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
orientador

---

Professora Maria Fatima Menegazzo Nicodem  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
Membro

Professora Marlene Magnoni Bortoli  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
Membro

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico este trabalho a minha família, amigos e ao meu orientador que, com toda paciência, me ajudou a concluir o mesmo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A meu orientador, Professor Esp. João Enzio Gomes Obana, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta monografia.

“Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino”. (LEONARDO DA VINCI)

## RESUMO

ROMERO, Thais Sartori. **Os processos de ensino e aprendizagem do aluno com síndrome de down: Um Estudo no Noroeste do Paraná.** 2014. 32 páginas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática o desenvolvimento da criança portadora da Síndrome de Down por meio de estudo de caso a fim de apresentar as habilidades e capacidades que possui uma criança com esta necessidade especial educacional, buscando a compreensão de seu processo de ensino aprendizagem, tomando por base um aluno de uma escola especial localizada em uma cidade do extremo noroeste do Paraná. O trabalho ainda busca refletir por meio da análise como ocorre o desenvolvimento cognitivo da pessoa com Síndrome de Down focalizando o valor de compreender as características e identificar a importância dos estímulos adequados para o desenvolvimento da pessoa com Síndrome de Down para a família e aos professores atuantes de como estimular adequadamente essa criança proporcionando-lhe uma aprendizagem significativa, uma vez que o acesso à escola deve contribuir consideravelmente para o processo de desenvolvimento humano, pois é por meio dela que o portador de necessidades educacionais especiais é integrado socialmente, a partir da apreensão das normas e regras que são definidas pelo grupo sócio-cultural, incluindo cada vez mais a família nesta missão.

**Palavras chaves:** Criança, Estímulo, Inclusão, Aprendizagem.

## ABSTRACT

Conferir no modelo

ROMERO, Thais Sartori. The process of teaching and learning of students with Down syndrome: A study in Northwestern Paraná. 2014. 32 páginas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work had as its theme the development of children with Down Syndrome through case study to present the skills and capabilities that has a child with this special need education , seeking to understand the process of teaching and learning, by taking basis of a student in a special school located in a city in the extreme northwest of Paraná . The work aims to reflect walks through analysis and cognitive development of individuals with Down syndrome occurs focusing on the value of understanding the characteristics and the importance of identifying suitable for the development of people with Down syndrome family stimuli and teachers working how to properly stimulate the child providing you with a meaningful learning , as access to school should contribute significantly to the process of human development , for it is through it that the bearer of special educational needs is socially integrated from the apprehension of norms and rules that are defined by socio- cultural group , including increasingly family in this mission .

**Keywords** : Child, Stimulus, Inclusion , Learning.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>111</b>
2.1 A SÍNDROME DE DOWN .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
2.2 O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>18</b>
3.1 LOCAL DA PESQUISA .....	18
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	19
3.3 CASO ANALISADO.....	20
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	20
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	21
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE(S).....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down (SD) é uma anomalia genética autossômica e representa causa frequente de retardo mental. Embora apresentem algumas dificuldades, as pessoas com Síndrome de Down podem ter uma vida normal e realizar atividades diárias da mesma forma que qualquer outra pessoa. Não se deve negar que o indivíduo com Down apresente algumas limitações e até mesmo precise de condições especiais para aprendizagem, porém, por meio de estimulações adequadas podem se desenvolver.

O desenvolvimento da criança com Síndrome de Down geralmente é bastante semelhante ao de crianças sem a síndrome, as etapas e os grandes marcos são atingidos, embora em um ritmo mais lento.

Em se tratando de pessoas com necessidades especiais (entre eles os com Síndrome de Down), um dos aspectos mais importantes é a inclusão. É por meio do convívio social que o indivíduo se reconhece como sujeito de sua própria história, ou seja, as mediações sociais fornecerão instrumentos e símbolos para o desenvolvimento integral.

O trabalho se realizou por meio de estudo de caso a fim de apresentar as habilidades e capacidades que possui uma criança com síndrome de Down. Com o intuito de compreender como ocorre o processo de ensino aprendizagem desse aluno em uma escola especial localizada em uma cidade do extremo noroeste do Paraná.

Neste sentido, buscou-se refletir por meio da análise como ocorre o desenvolvimento cognitivo da pessoa com Síndrome de Down. Para tanto, é fundamental compreender as características e identificar a importância dos estímulos adequados para o desenvolvimento da pessoa com Síndrome de Down para a família e aos professores atuantes como estimular adequadamente essa criança proporcionando-lhe uma aprendizagem significativa.

É ainda objetivo intrínseco deste trabalho demonstrar que o acesso à escola contribui consideravelmente para o processo de desenvolvimento humano, visto que é por meio dela que o PNEE – portador de necessidades educacionais especiais - é integrado socialmente a partir da apreensão das normas e regras que são definidas pelo grupo sócio-cultural. Assim, a proposta colocada por meio da Declaração de

Salamanca de 1994, garante a inclusão na escola regular ao PNEE portador de necessidades educativas especiais – Síndrome de Down, de modo que esses indivíduos, apesar das diferenças físicas que são manifestadas, terão seu direito é garantido. Estudar o contexto de inserção na escola regular ao aluno portador de Síndrome de Down é relevante, pois ele traz marcado no seu corpo o resultado de fatores biológicos que certamente é alvo de olhares diferenciados na sala de aula, e no momento de luta em relação a inclusão como medida favorável ao exercício da tolerância em relação a estas pessoas diferentes, o tema em questão passa a ser objeto de amplas repercussões no âmbito educacional.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apesar de constar da Lei constitucional, o acesso à escola aos portadores de necessidades educativas especiais, ser garantido o usufruto desses direitos ainda é marcado pela resistência que se instalou na escola e a ausência de recursos que favoreçam a obtenção de fato de um ensino de qualidade.

Assim, a proposta inclusiva demarca a possibilidade de elaboração dos direitos ao portador de necessidades educativas especiais de exercer plenamente sua cidadania. Ao considerar a escola como instituição favorável a transformação social a partir da inclusão, oportunidades educativas surgiram, é necessário promover amplas discussões visando oferecer oportunidades de mudanças na escola, de modo que ela atenda de fato as necessidades de acesso ao mundo do saber pelos portadores de necessidades educativas especiais em particular o portador da Síndrome de Down.

Sob esta ótica, é necessário que as escolas públicas brasileiras estejam preparadas para buscar respostas para alguns questionamentos que surgem, tais como: É construído o processo de acesso do Portador de Síndrome Down na escola? Como é possível promover a integração do Portador da Síndrome de Down na Escola? Pensa-se que estas respostas podem ser obtidas mediante a pesquisa bibliográfica que se propõe, pois os subsídios que foram consultados podem oferecer amplas informações que se fazem necessárias ao processo de inclusão do portador de Síndrome de Down na escola. Relevante porém é conhecer a causa e assim preparar-se para o trabalho com as consequências e, com isso promover a inclusão do(a) aluno(a) portador(a) da Síndrome de Down.

### 2.1 A SÍNDROME DE DOWN

Schwartzman (1999) define a síndrome de Down como uma alteração genética ocorrida durante ou imediatamente após a concepção. A alteração genética se caracteriza pela presença a mais do autossomo 21, ou seja, ao invés do indivíduo apresentar dois cromossomos 21, possui três. A esta alteração denomina-se trissomia simples.

Podem ser encontrado outras alterações genéticas, que causam síndrome de Down. Estas são decorrentes de translocação, pela qual o autossomo 21, a mais, está difundido a outro autossomo. O erro genético também pode ocorrer pela proporção variável de células trissômicas presente ao lado de células citogeneticamente normais. Estes dois tipos de alterações genéticas são menos frequentes, que a trissomia simples.

Estas alterações genéticas decorrem de “defeito” em um dos gametas, que formarão o indivíduo. Os gametas deveriam conter um cromossomo apenas e assim a união do gameta materno com o gameta paterno geraria um gameta filho com dois cromossomos, como toda a espécie humana. Porém durante a formação do gameta pode haver alterações e através de não-disjunção cromossômica, que é realizada durante o processo de reprodução, podem ser formados gametas com cromossomos duplos, que ao se unirem a outro cromossomo pela fecundação, resultam em uma alteração cromossômica. (SCHWARTZMAN, 1999)

Convém ressaltar que estas alterações genéticas modificam todo o desenvolvimento e maturação do organismo e inclusive a cognição do indivíduo portador da síndrome, além de conferirem lhe outras características relacionadas a síndromes.

Geralmente, o portador de síndrome de Down é calmo, afetivo, bem humorado e com prejuízos intelectuais, porém podem apresentar variações no que se refere ao comportamento. A personalidade varia de indivíduo para indivíduo e estes podem apresentar distúrbios de comportamento, desordens de conduta e sua postura pode variar devido ao potencial genético e características culturais.

Segundo Schwartzman (1999), embora a presença dos sinais descritos levante a possibilidade de diagnósticos de síndrome de Down, é importante lembrar que eles não são específicos e que cada um deles, isoladamente pode estar presente em indivíduos normais.

O mesmo autor propõe que a síndrome de Down pode ser causada por três fundamentais tipos de comprometimento:



- **Trissomia simples:** no cariótipo vê-se a trissomia, os dois cromossomos (da mãe e do pai) formando o par 21 e o terceiro extra, causador da síndrome. A trissomia simples é responsável por cerca de 96% dos casos.



- **Trissomia por translocação:** acontece em cerca de 3% de crianças. Na translocação o número de cromossomos nas células é 46, mas o cromossomo 21 extra, está montado sobre outro cromossomo par.

- **Mosaicismo:** ocorre em 1% dos casos. São indivíduos que possuem células normais (46 cromossomos) e células trissômicas (47 cromossomos). Neste ocorre um erro em uma das primeiras divisões celulares, apresentando um tipo de quadro em mosaico. Alguns autores relatam que algumas crianças com síndrome de Down do tipo mosaicismo apresentam traços menos acentuados e que seu desempenho intelectual é melhor do que a média para uma criança com a trissomia do par 21. (SCHWARTZMAN, 1999)

Independentemente do tipo de comprometimento sempre será o cromossomo 21 o responsável pelos traços físicos específicos e função intelectual limitada, entretanto não se sabe de que forma os genes do cromossomo extra interfere no desenvolvimento do feto, levando as características físicas e os efeitos nocivos sobre a função cerebral.

Os indivíduos com Síndrome de Down apresentam características específicas e defasagem no desenvolvimento linguístico. Segue algumas imagens da criança com Down a fim de evidenciar suas características físicas. (ANDRADE, 2006). Características estas que estão especificadas a seguir:

<p>Os olhos apresentam-se com pálpebras estreitas e levemente oblíquas, com prega de pele no canto interno (prega epicântica).</p>	 <p>RONDINI, 1972</p>
<p>A íris frequentemente apresenta pequenas manchas brancas</p>	 <p>RONDINI, 1972</p>

<p>A cabeça geralmente é menor e a parte posterior levemente achatada. A moleira pode ser maior e demorar mais para se fechar.</p>	 <p>WIKIPÉDIA, 2008</p>
<p>A boca é pequena e muitas vezes se mantém aberta com a língua projetando-se para fora. As orelhas são geralmente pequenas e de implantação baixa. O conduto auditivo é estreito.</p>	 <p>WIKIPÉDIA, 2008</p>
<p>As mãos são curtas e largas e, às vezes, nas palmas das mãos há uma única linha transversal, de lado a lado ao invés de duas.</p>	 <p>WIKIPÉDIA, 2008</p>
<p>Os dedos dos pés comumente são curtos e na maioria das crianças há um espaço grande entre o dedão e o segundo dedo. Muitas têm pé chato.</p>	 <p>WIKIPÉDIA, 2008</p>

No entanto, Schwartzman (1999) pontua que alguns fatores são considerados de risco, devido a grande incidência em que gestações na presença destes vem apresentando alterações genéticas. Os fatores de riscos podem ser classificados como endógenos e exógenos.

O autor afirma que um dos principais fatores de risco endógenos é a maternidade em idade avançada, devido o fato de seus óvulos envelhecerem tornando-se mais propensos a alterações. O mesmo não acontece com os espermatozoides e por esta razão é que não há uma relação direta entre síndrome de Down e a crescente idade paterna.

Entre os fatores exógenos está o diagnóstico pré-natal assim sendo facultada a interrupção da gravidez por parte dos familiares em alguns países.

Os fatores de risco são muito importantes, pois permite prevenir a ocorrência das alterações genéticas ou ainda minimizar os mesmos.

## 2.2 O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Na proposta defendida pelo Ministério da Educação e cultura (MEC), a sequência do desenvolvimento da criança com síndrome de Down é bastante semelhante as das crianças sem a síndrome, embora em um ritmo bem mais lento. (DCN, 1994)

A partir da imagem postulada pela sociedade, por muito tempo os portadores da síndrome de Down tiveram privações sobre algumas experiências fundamentais para seu desenvolvimento porque não se acreditava que eram capazes.

Na cultura grega, especialmente na espartana os indivíduos com deficiências não eram tolerados. A filosofia grega justificava tais atos cometidos contra os deficientes postulando que estas criaturas não eram humanas, mas um tipo de mostro pertencente a outras espécies. (...) Na Idade Média, os portadores de deficiências foram considerados como produtos da união entre uma mulher e o Demônio. (SCHWARTZMAN, 1999, p.3-4).

Todavia, hoje em dia, já é comprovado que as crianças e jovens com síndrome de Down podem alcançar estágios muito mais avançados de raciocínio e de desenvolvimento.

Como descreve Schwartzman (1999), embora a síndrome de Down seja confundida como uma deficiência mental, não se pode nunca pré-determinar qual será o limite de desenvolvimento do indivíduo, pois sabe -se que a síndrome se trata de uma alteração genética e que os portadores embora apresentem algumas



dificuldades, podem ter uma vida normal e realizar atividades diárias da mesma forma que qualquer outra pessoa, dentro de suas limitações.

De acordo com Diretrizes Curriculares Nacionais (1994), por ter sido rotulada como deficiente mental severa, a pessoa com síndrome de Down, acabou sendo privada de algumas oportunidades de desenvolvimento. A classificação de deficiência mental nos grupos profundos (severos), treináveis e educáveis é bastante questionada hoje em dia. Estes diagnósticos, determinados a partir de testes de quociente da inteligência (QI), nem sempre condizem com a real capacidade intelectual do indivíduo, uma vez que os testes aplicados foram inicialmente propostos para povos de outros países, com culturas diferentes da nossa.(BRASIL/MEC, 1994).

A educação da pessoa com síndrome de Down deve atender as suas necessidades especiais sem se desviar dos princípios básicos da educação proposta as pessoas comuns.

A criança deve frequentar desde cedo à escola, e esta deve valorizar sobre tudo os acertos da criança, trabalhando sobre suas potencialidades para vencer as dificuldades.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (1994) a educação especial, garantida por lei ao deficiente, deve atender os seguintes objetivos:

- Realizar planejamentos e avaliações periódicas, a fim de poder suprir todas as necessidades do grupo (gerais e individuais), com constante reavaliação do trabalho.
- Valorizar a criança ou jovem, incentivando-o em seu processo educacional.
- Respeitar a variação, intelectual de cada um, oferecendo iguais possibilidades de desenvolvimento, independente do ritmo individual. (BRASIL/MEC, 1994).

Segundo Schwartzman (1999) o desenvolvimento da aprendizagem da criança com síndrome de Down é muito mais lento. As contas, leituras e escritas demoram mais tempo a serem absorvidos. No entanto, a maioria dessas pessoas tem condições de serem alfabetizadas e realizar operações lógico-matemáticas.

A escola especial é preparada para atender a pessoa com síndrome de Down, e deve ter um número de alunos pequeno em cada sala de aula. No entanto, existem experiências positivas de crianças com síndrome de Down em escolas de ensino regular. A escola comum devia estar preparada também para

receber um aluno especial e o professor deveria cumprir o papel de integrar a mesma ao grupo e respeitar seu ritmo de desenvolvimento.

De forma geral, o objetivo consiste em proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades e como elemento de auto realização.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola que atende a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Profissional- Modalidade de Educação Especial em uma cidade localizada no extremo noroeste do Paraná.

A mesma oferta as seguintes etapas e programas:

- Educação Infantil – organizada nos seguintes programas:
  - 1- Estimulação Essencial
  - 2- Educação Pré- Escolar
  
- Ensino Fundamental/ anos iniciais – organizada no seguinte programa:
  - 1- Escolaridade
  
- Educação Profissional/ inicial – organizada nos seguintes programas:
  - 1- Iniciação profissional: Organiza-se em três unidades:
    - a) Salas de atividades de formação ocupacional
    - b) Salas de atividades pedagógicas
    - c) Sala de oficina protegida terapêutica

Os alunos da Escola são pessoas com necessidades educativas especiais nas seguintes áreas:

- Deficiência Intelectual

Alunos com funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos 18 (dezoito) anos e limitações associadas em duas ou mais áreas das habilidades adaptativas: comunicação, cuidado pessoal, habilidades sociais, utilização dos recursos da comunidade, saúde e segurança, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho.

- Transtornos Globais de Desenvolvimentos

Alunos da área dos transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), são os que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação e/ou estereotipias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, Transtornos Desintegrativo da Infância (psicosses) e transtornos Invasivos sem especialização. Assim o aluno dos TGD é aquele que apresenta, muitas vezes, dificuldades de adaptação escolar e de aprendizagem, associadas ou não a limitações no processo de desenvolvimento biopsicossocial, com dificuldades de acompanhar as atividades curriculares e que requeriam atendimento especializado intenso e contínuo.

- Deficiência Física Neuromotora- Associada as Múltiplas Deficiências

Alunos que utilizam cadeira de rodas ou outras órteses, por consequência de graves comprometimentos motores, decorrentes de sequelas neurológicas, que causam dependências nas funções de locomoção, coordenação motora, higiene alimentação e na comunicação, associadas a outras deficiências sensoriais e intelectuais.

### 3.2 TIPO DE PESQUISA

Em uma pesquisa exploratória o objetivo é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, você conhecerá mais sobre aquele assunto, e estará apto a construir hipóteses. Como qualquer exploração, a pesquisa exploratória depende da intuição do explorador (neste caso, da intuição do pesquisador). Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008). Como qualquer pesquisa, ela depende também de uma pesquisa bibliográfica, pois mesmo que existam poucas referências sobre o assunto pesquisado, nenhuma pesquisa hoje começa totalmente do zero. Haverá sempre alguma obra, ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão.

Dessa forma a pesquisa consiste em um estudo de caso baseado na observação de um aluno com síndrome de Down, estudante de uma escola especial localizada no extremo noroeste do Paraná. Com o intuito de comprovar que a criança portadora da síndrome de Down tem a capacidade de aprender mesmo que seja em um período mais lento que as demais.

O estudo de caso é um modelo proposto para a produção do conhecimento num campo específico, que aponta princípios e regras a serem observadas ao longo de todo o processo de investigação. Caracteriza-se por ser um estudo profundo de uma unidade simples. (GIL, 2008)

Os estudos de caso possibilitam estudar em profundidade o grupo a organização ou o fenômeno, considerando suas múltiplas dimensões. Neste aspecto, possuem grande vantagem em relação aos levantamentos, pois fornecem informações que se fundamentam na utilização de uma única técnica de coleta de dados, como o questionário ou a entrevista.

Dessa forma o estudo de caso consiste no estudo aprofundado e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

### 3.3 CASO ANALISADO

O estudo de caso foi realizado em uma escola especial do extremo noroeste do Paraná, com um aluno portador de síndrome de Down, matriculado no 1º ano do E.J.A (educação de jovens e adultos), o mesmo tem 17 anos e estuda na instituição de ensino desde do seu nascimento.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foi realizada uma entrevista com a professora sobre a sua turma e o aluno portador de síndrome de Down, a fim de coletar dados a respeito da vida escolar do mesmo.

Em seguida a professora respondeu a um questionário (apêndice A) aberto ao qual continha uma pesquisa a respeito de sua atuação em sala de aula, para levantar dados de como ocorre o processo de ensino aprendizagem desse aluno.

Para concluir o processo foram realizadas observações durante dois dias com a finalidade de averiguar a prática docente e o resultado do processo ensino/aprendizagem.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na entrevista com a professora e na observação direta realizada na sala de aula pode-se constatar que, realmente a pessoa portadora da síndrome de Down é dócil, organizada e, realmente pode levar uma vida normal como as demais pessoas não portadoras da síndrome. Óbvio que com um tempo maior para absorção, apreensão e respostas aos estímulos.

Para que a criança normal possa atingir uma determinada fase do desenvolvimento, ela precisa ser estimulada. No caso da criança portadora da síndrome de Down este estímulo tem que ser mais pensado, mais sofisticado, especializado, ou seja, exige uma preparação maior do educador.

Na teoria, a estimulação procura dar ao portador da síndrome de down condições para desenvolver suas capacidades desde o nascimento. Na prática, esta aplicação deve ser direcionada a todas as crianças com, ou sem atraso.

Na teoria, os portadores passariam por “faixas etárias” do desenvolvimento cognitivo. Na prática, o que se percebe é que não se deve fixar idades para a aquisição de habilidades, pois há grande variação no desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down.

A prática mostra que a estimulação precoce é um dos recursos fundamentais para atenuar riscos ou atrasos no desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down, que apresentam dificuldades de aprendizado e complicações clínicas associadas.

Na prática, o que há de real nos benefícios trazidos pela estimulação favorecerão a vida da criança é a melhora na fala, na mastigação, no padrão de andar, ou seja, nas funções motoras e intelectuais. A teoria dificulta tais processos de evolução.

A teoria diz que as crianças com síndrome de Down levam mais tempo que as outras crianças, sem a síndrome, para responder aos estímulos que lhe são oferecidos. A prática mostra essa veracidade, por isso é necessário que elas sejam estimuladas todos os dias, e mais vezes.

A entrevista é um encontro de duas pessoas, onde uma delas obtenha informações relevantes de um determinado assunto, com uma conversa de natureza profissional sendo utilizado para uma investigação profissional, para a coleta de dados ou no tratamento de um problema social.

Para Good e Hatt (1969), a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação”.

Assim, para obter informações importantes sobre a professora e o aluno da escola especial foi realizada uma entrevista.

#### ENTREVISTA COM A PROFESSORA DA SALA – 1º ANO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (E.J.A)

ENTREVISTADOR: 1) Qual é o seu nome e a sua formação acadêmica?

ENTREVISTADO: Meu nome é Edinéia Carneiro e sou graduada em letras com especialização em educação especial.

ENTREVISTADOR: 2) Em qual turma está lecionando esse ano?

ENTREVISTADO: Pela primeira vez estou lecionando com um 1º ano do E.J.A.

ENTREVISTADOR: 3) Quantos alunos você tem nessa turma?

ENTREVISTADO: Olha...as turmas das escolas especiais tem um número de crianças menores do que as escolas “normais”, esse ano estou com 5 alunos.

ENTREVISTADOR: 4) Todos são portadores de síndrome de Down?

ENTREVISTADO: Não, tenho apenas 1 aluno portador de síndrome de Down,

ENTREVISTADOR: 5) Como é o comportamento do seu aluno com síndrome de Down no decorrer das aulas?

ENTREVISTADO: Esse meu aluno é um amor..faz tudo que proponho, dentro das suas limitações, é claro... sou bem paciente para poder visualizar seus avanços mesmo que sejam mínimos, mas já me satisfazem.

ENTREVISTADOR: 6) Como esse aluno se comporta em relação aos colegas de turma?

ENTREVISTADO: O meu aluno portador de síndrome de Down é muito carinhoso, organizado, calmo e mandão (risos), ele adora estudar e principalmente fotografar pessoas e objetos. Ele se dá super bem com seus colegas de turma, não tive nenhum problema de comportamento em relação aos colegas de sala.

ENTREVISTADOR: 7) Como é trabalhar com alunos com necessidades especiais?

ENTREVISTADO: Trabalhar com alunos especiais é uma dádiva, pois a cada dia aprendo coisas novas e compreendo a riqueza das coisas nos mínimos detalhes. Tenho muita satisfação em exercer minha profissão na área da educação especial e me sinto “necessitada” pelos meus alunos, para que eles possam alcançar o sucesso de uma aprendizagem significativa e com melhorias na sua vida social.

O questionário é uma forma de coleta de dados, sendo uma serie ordenadas de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do interessado, o entrevistado tem a total liberdade de escrever suas opiniões em relação ao conteúdo proposto no questionário sem que seja questionado. Esse questionário deve ser enviado ao entrevistado pelo correio ou por um portador.

A elaboração de um questionário requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Em sua organização, devem-se levar em conta os tipos, a ordem, os grupos de perguntas, a formulação das mesmas e também “tudo aquilo que se sabe sobre percepção, estereótipos, mecanismos de defesa, liderança etc” (AUGRAS, 1974: 143)

A fim de conhecer a metodologia da professora da sala e como esse aluno com síndrome de Down reagia diante das atividades, foi aplicado um questionário aberto, onde a professora respondeu livremente, utilizando linguagem própria e emitiu suas opiniões.



## QUESTIONÁRIO ABERTO COM A PROFESSORA DA SALA – 1ºANO DO E.J.A.

PERGUNTA: Qual é a sua experiência pedagógica com alunos com síndrome de Down?

RESPOSTA: Há dois anos com o 1º ano fase I da E.J.A.

PERGUNTA: Qual a sua metodologia para ensinar os conteúdos para o aluno com síndrome de Down?

RESPOSTA: São metodologias diversificadas com uso de material concreto, partindo do conhecimento cotidiano para o científico, experiências vivencias, linguagens diversificadas, no caso específico desse aluno com Down tentei no início do ano a metodologia freudiana junto com a consciência fonológica, porém não deu resultado, como no uso da panlexia, que venho aplicando a menos de 2 meses e que ele tem me mostrado melhores resultados. Busco integrar os conteúdos de forma interdisciplinar e vivenciada.

PERGUNTA: Quais áreas do conhecimento você trabalha com esse aluno com síndrome de Down?

RESPOSTA: Língua portuguesa, matemática, sociedade e natureza.

PERGUNTA: Quais critérios você utiliza para selecionar os conteúdos que serão trabalhados durante as suas aulas?

RESPOSTA: Há um plano com conteúdos elencados pela SEED do qual organizo o meu plano de trabalho visando o que melhor interessa o aluno. Para isso temos sempre um tema gerador onde coletamos o que é de interesse da turma e assim adapto as atividades e o conteúdo a ser explorado, lembrando que usamos também atividades descritas no currículo funcional.

PERGUNTA: Quais em sua opinião são os maiores desafios enfrentados pelo professor ao ensinar conteúdo do currículo básico a alunos com síndrome de Down?

RESPOSTA: O tempo de concentração dele é curto.

PERGUNTA: No âmbito prático e no cotidiano de sala de aula durante o ensino, quais as principais diferenças entre o aprender e o ensinar a um aluno com síndrome de Down?

RESPOSTA: O trabalho é bem direcionado e individualizado, muito dialogo, a fala de frente e bem articulada para melhorar a dicção e percepção detalhada dos sons fonológicos. O trabalho de reflexão sobre as atitudes pois ele desafia com comportamento infantilizado, aproveito cada situação para leva-lo a refletir.

PERGUNTA: Em sua opinião, qualquer professor poderá ensinar a um aluno com SD? Gostaria que justificasse a sua resposta.

RESPOSTA: Bem, a lei já exige que o aluno com deficiência intelectual tenha um professor com habilitação ou complementação em educação especial, que já denota que não pode ser qualquer um. Porém na minha opinião não é um título que faz um profissional e o Down necessita de alguém com pré-disposição para estudo, alguém que saiba lidar com as peculiaridades, as manias dessas pessoas, alguém que não seja ansioso, pois o tempo deles não corresponde ao tempo de um aluno do ensino comum por exemplo.

PERGUNTA: Você poderia falar um pouco sobre seu aluno com síndrome de Down.

RESPOSTA: O meu aluno é inteligente, alegre, extremamente carinhoso, amigo, muito falante ainda com dificuldade, e independente para realização da sua higiene e locomoção, adora escrever ainda que só trace a letra P, conhece as cores primárias e secundárias, diferencia o grande do pequeno, alto/baixo, longe/perto, dentro/fora, ordena do maior para o menor, sabe relatar fatos do cotidiano, nomeia as pessoas com quem convive, é disciplinado, assíduo, tem um ótimo relacionamento com seus colegas.

OBS: Quando falo disciplinado quero dizer que tem uma rotina de ações. Ex: chega arruma sua carteira e a do colega juntos, pega o caderno e já inicia a escrita (como se estivesse fazendo o cabeçalho) e ao final guarda o caderno no lugar.

PERGUNTA: Relate um fato ocorrido em sala de aula com o Reginaldo que demonstra a sua capacidade de aprender.

RESPOSTA: O fato de fazer relações entre objetos e função, reconhecer as cores. Ele sabe que mora na “cidade” de Loanda no “estado” do Paraná e no “Brasil”, reconhece o mapa. Quanto a alfabetização, ele hoje já traça a letra L e reconhece ao ouvir uma palavra que existe “L” assim também o “R”. Ele tem o valor sonoro.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia.

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social. (MARCONI, LAKATOS. 2010).

Durante 2 aulas o aluno foi observado com o intuito de visualizar como era seu comportamento no ambiente escolar e como reagia nos comandos da professora e nas realizações das atividades. A professora é muito atenciosa e tranquila, o que auxilia o aluno na realização das atividades trabalhando sempre com muita ludicidade e com o concreto.

Na entrevista e na observação do aluno e ainda na receptividade dos outros colegas de sala é importante ressaltar que o que se espera da relação do professor com uma criança portadora da Síndrome de Down é que esse envolvimento aconteça de forma espontânea, carinhosa e prazerosa, e que o aprendizado seja significativo para a criança.

É comum observar em uma sala de aula regular professor que não sabe muito bem o que fazer com uma criança que apresenta necessidades especiais, como fazer com que ela aprenda sem atrapalhar o ritmo da sala. Sentem medo de fracassar e muitas vezes nem se arriscam a tomar uma atitude para de fato inserir esta criança no contexto escolar.

A aprendizagem de todas as crianças portadoras da Síndrome de Down envolve questões de comportamento, afeto, motivação e respeito com sua individualidade. Não é possível promover a atividade das estruturas cognitivas sem a motivação afetiva: a vontade de aprender é condição do conhecimento. O desenvolvimento efetivo acolhe e apoia a motivação, a superação do erro e valorização do esforço, do caminho, sem objetivar apenas resultados. O comportamento por sua vez, é o modo que a criança encontra para declarar como se sente.

Distúrbio da conduta, fugas da sala de aula, agressividades, incomodar os colegas ou negar-se a fazer atividades, são sinais bastante claros de que algo não vai bem. Sentimentos positivos promovem sucessos à aprendizagem, à aquisição de conhecimento firmados pelo peso da emoção, garantindo um caráter definido ao aprendido.

Há várias maneiras que a criança portadora da Síndrome de Down pode usar para demonstrar que algo não está bem: Fugas da situação de aprendizagem; Recusa em prestar atenção e responder; Gritar, fazer birras, deitar-se no chão; Destruir ou esconder material de colegas; Passividade; e ou agressividade, entre outras.

O primeiro passo para a superação das dificuldades comportamentais é mostrar à criança portadora da Síndrome de Down que existe maneiras mais eficazes e menos desgastantes para alcançar objetivos. Ajudar a criança a identificar e nomear suas emoções permite que ela as expressem melhor.

E é fundamental também, que o professor indicado esteja preparado, para ser capaz de atender as necessidades de seus alunos e trabalhar em harmonia, pois a relação que ele estabelece com o aluno portador da Síndrome de Down pode facilitar seu desenvolvimento, aprendizagem e o convívio social com todos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho teve por objetivo estudar como ocorre o desenvolvimento cognitivo da pessoa com Síndrome de Down, e em seguida a inclusão da mesma em sala de aula e a percepção dos professores, e o papel da família na verdadeira inclusão.

Após estudo do caso, percebe-se que educação especial é determinante no processo de estimulação inicial e cabe ao professor trabalhar suas crianças desenvolvendo nestas capacidades de praticarem atividades diárias, participar das atividades familiares, desenvolver seu direito de cidadania e até mesmo desenvolver uma atividade profissional.

A importância da estimulação se dá pela grande necessidade da criança de vivenciar experiências que visem o seu desenvolvimento, respeitando suas limitações e explorando suas habilidades. Esse estudo permite ainda mostrar aos pais a necessidade de aumentar suas possibilidades de observação e intervenção, objetivando aprimorar a aprendizagem de seus filhos, que são crianças especiais, que tem dificuldades como qualquer outra pessoa e são também crianças capazes de vencer suas dificuldades e se desenvolverem.

Embora ainda haja muitos desafios a serem superado, um deles é urgente: a falta de preparo dos profissionais da rede de ensino. Há uma carência tanto na formação de educadores quanto na contratação destes, são poucas as escolas que tem em seu corpo docente mais um profissional especializado em educação especial.

É necessária a criação de uma rede de apoio que inclua a interlocução de profissionais de diversas áreas do conhecimento, especialmente das áreas de educação e da saúde, os quais poderão acompanhar a criança e sua família no preparo para a sua inserção na rede regular do ensino.

É momento de abrir as portas para esses alunos especiais e conduzi-los com amor, através deste caminho que nem sempre é florido, mas certamente engrandece a vida daqueles que se inclinam a estenderem as mãos a essas crianças.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. V. A emergência da expressão comunicativa na criança com síndrome de Down. 2006. Tese de Doutorado em Fisiopatologia Experimental, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2006.

AUGRAS, M. Opinião pública: teoria e pesquisa. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1974.

BRASIL. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL – MEC – SEESP, 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



GOODE, W. J. & HATT, P. K. - Métodos em Pesquisa Social. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

MARCONI, M. DE A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SCHWARTZMAN, J.S. **Síndrome de down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

## APÉNDICE

## APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA

 <p>EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA</p>	<p>UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO</p>	 <p>UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ</p>
<b>ENTREVISTA</b>		
<p>Nome: _____</p> <p>Formação: _____ Tempo de sala de aula: _____</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1) Qual é a sua experiência pedagógica com alunos com síndrome de Down?</li><li>2) Qual a sua metodologia para ensinar os conteúdos para o aluno com síndrome de Down?</li><li>3) Quais áreas do conhecimento você trabalha com esse aluno com síndrome de Down?</li><li>4) Quais critérios você utiliza para selecionar os conteúdos que serão trabalhados durante as suas aulas?</li><li>5) Quais em sua opinião são os maiores desafios enfrentados pelo professor ao ensinar conteúdo do currículo básico a alunos com síndrome de Down?</li><li>6) No âmbito prático e no cotidiano de sala de aula durante o ensino, quais as principais diferenças entre o aprender e o ensinar a um aluno com síndrome de Down?</li><li>7) Em sua opinião, qualquer professor poderá ensinar a um aluno com SD? Gostaria que justificasse a sua resposta.</li><li>8) Você poderia falar um pouco sobre o aluno Reginaldo.</li><li>9) Relate um fato ocorrido em sala de aula com o Reginaldo que demonstra a sua capacidade de aprender.</li></ol>		